

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

LARA ANDRADE SILVA VIANA

**ATIVISMOS EM REDE: A PRESENÇA DIGITAL DE MOVIMENTOS  
SOCIAIS NA REGIÃO DA ZONA DA MATA MINEIRA**

Viçosa – Minas Gerais  
2019

LARA ANDRADE SILVA VIANA

**ATIVISMOS EM REDE: A PRESENÇA DIGITAL DE MOVIMENTOS  
SOCIAIS NA REGIÃO DA ZONA DA MATA MINEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Rayza Sarmiento.

Viçosa – Minas Gerais  
2019

LARA ANDRADE SILVA VIANA

**ATIVISMOS EM REDE: A PRESENÇA DIGITAL DE MOVIMENTOS  
SOCIAIS NA REGIÃO DA ZONA DA MATA MINEIRA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do curso de Ciências Sociais, para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

---

Prof. Dr. Rennan Mafra  
(Avaliador)

---

Prof. Dra. Daniela Rezende  
(Avaliadora)

---

Profª. Dra. Rayza Sarmiento  
(Orientadora)

Dedico este trabalho aos movimentos sociais por  
terem tornado possível sua concretização.

## **AGRADECIMENTOS**

Muitas são as pessoas que tornaram esse trabalho possível e as quais devo meu mais profundo agradecimento. Aprendi nesses anos de curso que o conhecimento adquirido em conjunto é o que faz da experiência acadêmica tão enriquecedora.

Agradeço à Universidade Federal de Viçosa, por ter me acolhido, proporcionado experiências e conhecimentos que eu não imaginava alcançar. Ao Departamento de Ciências Sociais e todas funcionárias e funcionários, pelo suporte, oportunidade e diversas orientações.

Agradeço à todas professoras e professores que tive durante a graduação, por terem me ajudado a construir o olhar de cientista social. Em especial à minha orientadora Rayza, sou grata por acreditar em mim, ter aceitado me acompanhar durante esses anos e por todo aprendizado que me possibilitou, acadêmico e pessoal.

Ao GCODES pelas reuniões, discussões e trocas de conhecimentos riquíssimas. Nesse ano, em especial, por ter me possibilitado contato mais próximo com mulheres tão fortes e inspiradoras.

Agradeço aos movimentos sociais estudados neste trabalho, em especial às pessoas que conversei diretamente, por toda atenção e disponibilidade.

Agradeço ao Ítalo por todo companheirismo, incentivos e escutas atenciosas sobre este trabalho e tantos outros.

Sou grata à todas as amigas, amigos e colegas da graduação, pelas inúmeras conversas, desabafos e experiências compartilhadas. As conversas nos corredores do DCS aliviavam as tensões do dia-a-dia e deixavam a graduação mais leve e prazerosa.

Serei eternamente grata aos meus pais, minhas irmãs e meu irmão por todo apoio, cuidado e amor. Cada reencontro com vocês aquecia o coração e me mantinha forte para continuar essa empreitada. Agradeço também por me despertarem o gosto pelos estudos.

Sou grata a Deus e todos seres espirituais pelas oportunidades, sustento e amparo.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender as dinâmicas do uso da internet por diferentes movimentos sociais de Viçosa/MG e região. Para isso, analisamos as páginas no *Facebook* de quatro movimentos sociais e realizamos entrevistas semiestruturadas com os ativistas responsáveis pela comunicação destes movimentos. Amparadas na literatura sobre movimentos sociais, ativismo e internet, procuramos compreender os usos da rede social pelos movimentos a partir de três fenômenos: informação, mobilização e organização. Concluímos, com a síntese do trabalho, que os movimentos sociais utilizam a rede social para circular narrativas, novos discursos, contrainformações e para mobilizar seus interlocutores para causas, campanhas e ações de protestos. O *Facebook* não é acionado no processo organizacional dos movimentos sociais. Além disso, realizamos uma discussão sobre as limitações da apropriação da plataforma e de que forma a dimensão organizativa pode influenciar nos resultados alcançados no uso da internet pelos diferentes movimentos sociais.

**Palavras-chave:** movimentos sociais; internet; fenômenos; ativismo.

## ABSTRACT

This paper aims to understand the dynamics of internet use by different social movements in Viçosa/MG and region. To do this, we analyzed the Facebook pages of four social movements and conducted semi-structured interviews with the activists responsible for the social movement's communication. Supported on social movement's theory, activism and the internet, we seek to understand the uses of social network by movements from three phenomena: information, mobilization and organization. We conclude that social movements use the social network to circulate narratives, new directions, counter-information and to mobilize their interlocutors for causes, campaigns and protest actions. Facebook is not triggered in the organizational process of social movements. In addition, we discuss the limitations of platform appropriation and how the organizational dimension can influence the results achieved in the use of the internet by different social movements.

**Keywords:** social movements; Internet; phenomena; activism.

## LISTA DE FIGURAS

1. Figura 1: Interface do <i>Facebook</i> .....	23
2. Figura 2: Print da Página MST Zona da Mata – MG .....	26
3. Figura 3: Print da Página MAB Minas Gerais .....	27
4. Figura 4: Print da Página Marcha Mundial das Mulheres – Núcleo Viçosa .....	28
5. Figura 5: Print da Página Quem Luta Educa – Viçosa .....	29
6. Figura 6: Termo de consentimento MST Zona da Mata – MG .....	52
7. Figura 7: Termo de consentimento MMM Núcleo Viçosa .....	53
8. Figura 8: Termo de consentimento Quem Luta Educa – Viçosa .....	54



## **LISTA DE GRÁFICO**

<b>1. Gráfico 1: Assuntos dos casos por movimento social .....</b>	<b>36</b>
--	-----------

## **LISTA DE QUADROS**

1. Quadro 1: Fenômenos codificados a partir das terminologias das áreas de internet e política ..... 22
2. Quadro 2: Data de criação e número de curtidas das páginas ..... 30
3. Quadro 3: Categorias dos assuntos abordados pelos movimentos sociais ..... 35
4. Quadro 4: Roteiro da entrevista semiestruturada ..... 51

## **LISTA DE TABELAS**

<b>1.</b> Tabela 1: Número de casos por movimento social .....	30
<b>2.</b> Tabela 2: Número médio de interações nos casos .....	31
<b>3.</b> Tabela 3: Recursos empregados .....	32
<b>4.</b> Tabela 4: Fenômenos dos casos analisados .....	33
<b>5.</b> Tabela 5: Assuntos dos casos analisados .....	36

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AC – Análise de Conteúdo

ASPUV – Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Viçosa

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

MG – Minas Gerais

MMM – Marcha Mundial das Mulheres

MS – Movimento social ou Movimentos sociais

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NTIC's – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

ONG's – Organizações Não Governamentais

PM – Polícia Militar

PR - Paraná

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

RJ – Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1: DISCUSSÃO TEÓRICA - MOVIMENTOS SOCIAIS, ATIVISMO E INTERNET</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 2: NOTAS METODOLÓGICAS – ENTRE LINKS, ÁUDIOS E BATE-PAPO</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE – MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE</b> .....	26
3.1. OS MOVIMENTOS ANALISADOS .....	26
3.2 <i>FACEBOOK</i> EM FOCO: PRESENÇA DIGITAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS .....	30
3.3 TEMAS QUE ATRAVESSAM O USO DO <i>FACEBOOK</i> .....	34
3.4. O ATIVISMO DIGITAL PELA PERSPECTIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	48
<b>APÊNDICES</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

A história política do Brasil é marcada pela existência de ciclos dos mais diversos movimentos sociais (GOHN, 2010). O estudo desse ator político no Brasil possui como marco temporal a década de 1970, muito em função das lutas iniciadas no período ditatorial e no processo de redemocratização do país.

A difusão das ferramentas digitais trouxe à tona debates sobre os usos que movimentos sociais, clássicos ou formas de articulações políticas contemporâneas, fazem das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) (GOMES, 2016; SAMPAIO et al., 2016). Muitos são os termos que definem os estudos dedicados a entender essa forma de ação: ciberativismo, ativismo online, web ativismo, ativismo digital, entre tantos outros. Trata-se de uma abrangência de denominações para entender a forma que as ferramentas digitais são usadas para expressarem diversas demandas e/ou indignações (CASTELLS, 2003).

Os autores que analisam esse fenômeno se concentram, em linhas gerais, no estudo interseccional da Comunicação e Política, principalmente no campo de internet e política. As discussões da literatura abordam como coletivos emergem a partir dessas redes sociais e de qual maneira movimentos já existentes marcam cada vez mais presença no âmbito digital (CASTELLS, 2013; GOMES, 2016; SAMPAIO et al., 2016).

Essa temática tem assumido relevância tanto no campo acadêmico como socialmente, devido aos protestos que se espraiam (CASTELLS, 2013; GOMES, 2016; SAMPAIO et al., 2016; TATAGIBA e GALVÃO, 2019). Além disso, é consenso na literatura sobre ativismo e internet que as redes de movimentos sociais utilizam, cada vez mais, as ferramentas digitais para potencializar as lutas sociais contemporâneas (GOMES, 2016).

A partir dessa perspectiva, faz-se necessário entender as diferentes formas de uso de plataformas digitais pelos movimentos sociais nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, este trabalho pretende desvelar as dinâmicas do uso da internet por diferentes movimentos sociais da cidade de Viçosa/MG e da região da Zona da Mata Mineira<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A Zona da Mata Mineira é uma região localizada no estado de Minas Gerais, sudeste brasileiro, que abrange uma área de aproximadamente 35,7 mil km<sup>2</sup> e possui cerca de 2 milhões de habitantes. Viçosa está localizada nessa região, possui 72220 habitantes e é conhecida como uma cidade universitária, por

Para tanto, o presente estudo se debruçou sobre as publicações nas páginas do *Facebook* de quatro movimentos sociais: Marcha Mundial das Mulheres Núcleo Viçosa, Movimentos dos Atingidos por Barragens - Minas, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Minas Gerais e Quem Luta Educa - Viçosa; além disso, realizamos quatro entrevistas semiestruturadas com os administradores responsáveis pelas páginas das redes sociais digitais de cada movimento. É importante enfatizar que este trabalho é sequência de uma pesquisa anterior, realizada no âmbito da iniciação científica<sup>2</sup>.

No primeiro capítulo do trabalho, contextualizamos os estudos sobre movimentos sociais no Brasil e os entrelaçamentos entre ativismo e internet. No segundo capítulo, descrevemos nosso desenho de pesquisa, métodos, recorte empírico e o processo de coleta dos dados. O terceiro capítulo é dedicado às análises, realizadas em três etapas: na primeira, apresentamos a presença digital dos movimentos no *Facebook*; na segunda, discorremos sobre os temas que atravessam os casos analisados; na terceira etapa, voltamos o olhar para as entrevistas com nossos interlocutores, a partir dos dados analisados na primeira sessão deste capítulo.

É importante também relatar que este trabalho é resultado de dois anos em contato com movimentos sociais, primeiro academicamente - através da iniciação científica e de disciplinas -, e posteriormente, como cientista social estagiando no setor de comunicação de uma rede de movimentos sociais de Viçosa/MG. Esta monografia é construída sobretudo por essas experiências vivenciadas dentro e fora da universidade.

---

abrigar uma instituição federal com o mesmo nome do município. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>.

<sup>2</sup> Projeto registrado no SISPPG/UFV N° 194412 - “Velhos”, “novos” e “novíssimos”: repertórios de ação e relações entre internet, política e movimentos sociais”.

## **CAPÍTULO 1: DISCUSSÃO TEÓRICA - MOVIMENTOS SOCIAIS, ATIVISMO E INTERNET**

A democracia brasileira é marcada pela agência dos mais diversos movimentos sociais (SCHERER-WARREN, 2006; AVRITZER, 2012; TATAGIBA e GALVÃO, 2019). De acordo com Pereira (2012), os movimentos sociais contemporâneos possuem o papel de fomentar a democratização das relações sociais dentro da sociedade civil, por meio de normas, redefinições de papéis sociais, difusão de modos de interpretação dos discursos existentes nessa esfera, além da mobilização para influenciar desenhos de políticas públicas. Bringel e Teixeira (2005), por sua vez, relacionam o interesse pelos estudos nesse campo no Brasil às mudanças ocorridas na conjuntura política nacional.

Não há uma única definição sobre o que vem a ser um movimento social (MS). Entre tantos conceitos, mobilizamos neste trabalho a ideia de Scherer-Warren (1987), na qual movimento social pode ser entendido como uma ação de um grupo direcionada para a “transformação (a práxis); voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)” (1987, p. 20). A construção desse campo de estudos no Brasil é iniciada em meados da década de 1970, quando os movimentos ganharam centralidade devido à luta contra a ditadura e posteriormente, o contexto de redemocratização na década de 1980 (BRINGEL e TEIXEIRA, 2015). O objetivo deste capítulo é fazer um panorama dessa agenda de pesquisa, a fim de evidenciar o caminho percorrido até a discussão sobre ativismo e internet, central nesta monografia.

Os primeiros estudos sobre movimentos sociais eram marcados por uma abordagem marxista (ou histórico estrutural), baseada na categoria “classe” como chave explicativa, sendo que grande parte das produções se referiam ao movimento operário, principalmente as lutas sindicais (BRINGEL e TEIXEIRA, 2015; GOHN, 2014).

A partir de 1980, novos problemas e outros sujeitos passaram a ganhar destaque, a exemplo as lutas ambientalista, feminista, de defesa dos direitos humanos (BRINGEL e TEIXEIRA, 2015; GOHN, 2014; SCHERER-WARREN, 2005). Segundo Scherer-Warren (2005, p. 16), o “enfoque [...] na luta de classes cede lugar às interpretações em termos de lutas históricas nacional-populares”. Esses movimentos tiveram relevância durante o regime autoritário por levantarem questões do cotidiano e as transformar em “demandas políticas e em instrumento de defesa dos direitos de cidadania ou de



contestação do autoritarismo” (SCHERER-WARREN, 2005, p. 115), além de abrirem espaço de manifestação política a novos atores sociais. Nesse contexto de redemocratização, tem-se então o fortalecimento de grupos políticos existentes, emergência de novos atores e reconfigurações de movimentos e articulações já existentes (AVRITZER, 2012; PEREIRA, 2012).

Neste cenário, Melucci (1989) avança na compreensão de movimento social ao lançar mão das noções de cultura e identidade para evidenciar as razões que levam os indivíduos a participarem de determinado movimento, além das influências de condições ideológicas e políticas de diferentes contextos. O autor esclarece que as sociedades complexas não têm apenas uma base “econômica”, mas se “produzem por uma integração crescente das estruturas econômicas, políticas e culturais” (MELUCCI, 1989, p. 58). Os conflitos sociais que antes eram lidos centrados no sistema econômico, começam a afetar a “identidade pessoal, o tempo e espaço na vida cotidiana, a motivação e os padrões culturais da ação individual” (idem). Os atores que passam a emergir com os conflitos dos anos 80 são “cada vez mais temporários e sua função é revelar os projetos, anunciar para a sociedade que existe um problema fundamental numa dada área” (MELUCCI, 1989, p. 59), o que o autor denomina como *função profética dos movimentos sociais*.

Nos anos de 1990, outras formas de organizações populares despontaram, e a produção teórica deslocou suas análises para o associativismo local, por meio das organizações não-governamentais (ONGs) e organizações do terceiro setor (GOHN, 2014; SCHERER-WARREN, 2006). Nesse processo, o conceito *rede de movimento social* é desenvolvido para explicar as lógicas de ação coletiva e as articulações de diferentes sujeitos, que possuíam o intuito de formar movimentos mais amplos, redes de solidariedade, de pressão e resistência, entre diferentes organizações da sociedade civil (GOHN, 2014; SCHERER-WARREN, 2005).

As análises voltadas para o alcance da ação política em rede (ainda apenas no sentido *offline* do termo), ganharam destaque nos estudos dos movimentos sociais durante esse período. Além disso, a partir da década de 90, as categorias *sociedade civil* e *esfera pública*<sup>3</sup> passaram a ser acionadas para explicar, de modo mais amplo, a ação coletiva de diferentes organizações e grupos (AVRITZER, 2012; BRINGEL e TEIXEIRA, 2015).

---

<sup>3</sup> Conceitos polifônicos, empregados muitas vezes com propósitos distintos. Não é do escopo deste trabalho entrar nos meandros desse debate. Para isto, ver Mendonça, 2011.

Nesse mesmo período, diferentes autores passaram a falar da importância de uma análise mais atenta para o uso das tecnologias de informação e comunicação pelos movimentos sociais. Manuel Castells foi um dos primeiros autores a abordar o ativismo em rede como uma nova forma de atuação política e social, que concebia a internet um meio privilegiado para os movimentos atuarem, recrutarem e informarem (ARAÚJO, 2011; CASTELLS, 2003). Scherer-Warren (2005) também chamava atenção para o uso que os movimentos organizados da sociedade civil estavam fazendo dessas tecnologias de informação e dos meios de comunicação.

Finalmente, creio que as perspectivas de análise dos movimentos sociais para os anos 1990 devem considerar o papel das tecnologias de informação e dos meios de comunicação de massa nas formas de organização da sociedade civil, mesmo porque este campo teve um desenvolvimento notável nos últimos anos. Resta verificar em maiores detalhes, tanto nos meios de comunicação de massa como na imprensa alternativa, os espaços de massificação, de uniformização, de consolidação de ideologias dominantes versus espaços de contestação das formas de dominação ou discriminação, de difusão de propostas alternativas de vida social, de novos valores universalizáveis de acordo com os interesses dos novos atores coletivos mencionados bem como o espaço para formação e comunicação das redes de movimentos (SCHERER-WARREN, 2005, p. 25).

Ciberativismo, ativismo online, web ativismo, ativismo digital e outros termos, surgiram para explicar a relação entre os movimentos sociais e/ou causas ativistas e o uso das NTIC's. Os estudos sobre movimentos sociais e internet integram um campo de conhecimento mais amplo acerca da *democracia digital* (SILVA et.al. 2016), que pode ser entendida como “um expediente semântico empregado para referir-se à experiência da internet e de dispositivos que lhe são compatíveis, todos eles voltados para o incremento das potencialidades de participação civil” na vida pública (GOMES, 2005, p. 217). Nessas definições, segundo Silva et.al. (2016), é possível identificar duas ênfases distintas. A primeira é a *institucional*, refere-se às relações e ao impacto da internet entre o cidadão e o sistema político, e à forma como o Estado fornece serviços aos representados. Já a segunda vertente, *social*, ligada aos processos de engajamento político, construção de cidadania, fortalecimento da esfera pública e apropriação política das ferramentas digitais é a que trabalhamos nesta pesquisa.

As revoltas Zapatistas são tomadas como marco da relação entre internet e ativismo e suscitaram uma grande discussão sobre as possibilidades democráticas das tecnologias online, por terem inflamado o imaginário social a respeito do tema *internet e sociedade* (GOMES, 2016), ao utilizarem “a rede para divulgar suas causas, buscar o apoio da sociedade civil e estabelecer uma rede de solidariedade internacional”

(PIMENTA e RIVELLO, 2008, p. 7), no contexto de controle ditatorial das informações no México, nos anos 1990.

A partir daí, passando por Seattle (1999), pela queda do presidente das Filipinas, Joseph Estrada (2001), pelos contextos da Primavera Árabe, os Indignados na Espanha (2011) e o Occupy Wall Street (2011), a agenda sobre o uso de ferramentas digitais por ações coletivas avança. Todos esses acontecimentos possuíram um componente em comum: as mobilizações e coordenações dos protestos de rua iniciaram com o uso das redes sociais digitais (CASTELLS, 2013; ALCÂNTARA, 2015).

Essas formas de mobilização que nasceram e foram alimentadas na internet, passaram de um caráter otimista, devido às expectativas com seus potenciais democráticos, à crítica do “ativismo de sofá”, por tratarem de ações que limitavam-se apenas ao digital e não geravam uma mobilização ou engajamento. Essa análise, de acordo com Sebastião e Elias (2012), devia-se ao fato de gerarem nas pessoas uma sensação de participação social preguiçosa (*slacktivism*) e poderem causar um impacto na sociedade com apenas um clique. No entanto, com a grande repercussão de mobilizações realizadas a partir internet, que induziram a queda de governos ditatoriais em países do oriente médio, como Egito, Tunísia, Líbia e Síria, o termo *slacktivism* foi caindo em desuso para explicar o engajamento coletivo.

Ao olhar para o uso da internet por ações coletivas, Van Laer e Van Aelst (2010) argumentam que a internet modificou os repertórios de ação dos movimentos facilitando as dinâmicas que permitem alcançar mais rapidamente um maior número de pessoas, além de criar ou adaptar ferramentas para o ativismo.

[...] por um lado, a internet facilita e apoia a ação coletiva offline tradicional em termos de organização, mobilização e transnacionalização e, por outro lado, cria novos modos de ação coletiva. De fato, a internet não apenas apoiou ações tradicionais de movimento social offline, como as manifestações clássicas de rua, e as tornou mais transnacionais, mas também é usada para configurar novas formas de atividades de protesto online e para criar modos online das ações de protesto offline existentes. Assim, a internet expandiu e complementou o 'repertório de ação coletiva' do movimento social de hoje (Tilly 1984; McAdam et al. 2001). As atividades virtuais podem variar de petições online e atentados por e-mail, sit-ins virtuais à invadir sites de grandes empresas, organizações ou governos (VAN LAER E VAN AELST, 2010, p. 2, tradução própria).

Ao mesmo tempo, os autores evitam um otimismo ingênuo em relação aos potenciais democráticos da internet, levando em consideração, como exemplos, o problema da desigualdade ao acesso e a incapacidade de criar confiança e laços fortes entre os atores, necessários para a construção de uma rede de ativismo sustentável.

Castells (2013), ao destacar a função das redes sociais para mobilização das manifestações no Brasil em junho de 2013, evidencia as características dos protestos: movimentos multifacetados devido às diversas formas de reivindicações sociais, agrupamentos ideológicos e projetos políticos. Já a relação entre a singularidade e coletividade desses protestos, fortemente marcados pela individualização, é trazida por Mendonça (2017). É importante ressaltar que as manifestações convocadas pela internet no Brasil, pós 2013, têm sido cada vez mais comuns. No contexto das eleições de 2018, diversas pessoas foram às ruas, em diferentes manifestações, com pautas pró e contra o governo atual – todas atravessadas pelo uso da internet.

Ao analisar o que ocorreu no Brasil a partir de 2013, Scherer-Warren (2014), argumenta que “uma das diferenças está na convocatória pelas redes sociais virtuais, o que trouxe o povo para rua quase em tempo real, ampliando o número de manifestantes e os locais de protestos” (p. 417). Mas como outros autores, seu posicionamento é mais pessimista, ao atentar para a forma como a internet se tornou um meio para as manifestações, mas que por si só, não explica as motivações políticas dos indivíduos.

Os jovens vêm se manifestando cada vez mais pelas redes sociais, na internet, usando o suporte das novas tecnologias para se organizar. Mas isso tem sido, acima de tudo, um meio, e não explica o sentido político da ação, ou melhor, o sentido pode ser conflitivo ou antagônico numa mesma rede ou entre sub-redes, como resultante transversalidade desse tipo de comunicação. Além disso, as redes virtuais divulgam, convocam e expressam posicionamentos, mas quase nunca possibilitam o aprofundamento do debate político, ainda que, em algumas situações, é no interior de sub-redes que interagem com outras sub-redes que mensagens conflitivas aquecem o debate (SCHERER-WARREN, 2013, p.420).

Nesse sentido, a autora afirma que “as redes presenciais dos MS organizados continuam tendo um papel político e pedagógico relevante e são, frequentemente, espaços para aprofundar os debates” (SCHERER-WARREN, 2013, p. 420).

No Brasil, Tatagiba e Galvão (2019) realizaram o esforço de entender esses fenômenos a partir de uma “abordagem integrada de protestos, que busca articular a teoria do confronto político à teoria marxista, associando economia e política, classe e outros pertencimentos, trabalho e movimentos sociais, o nacional e o global” (p. 64). De acordo com as autoras, essa abordagem permite identificar relações entre os diferentes movimentos sociais, em suas diversas faces, como movimentos ligados ao trabalho, ou identidades “de modo a explorar tanto as especificidades quanto às similaridades e conexões entre diferentes movimentos e ondas de mobilização” (idem).

O que grande parte desses autores ressalta ao estudarem ativismo e internet é que a emergência desses eventos não pode ser explicada apenas pelo uso redes sociais, apesar deles serem organizados e mobilizados por meio delas. É notório que essas tecnologias proporcionam uma facilidade nos processos de expansão e adesão aos movimentos. Nesse sentido, é fundamental um olhar mais atento às práticas ativistas a partir da internet e de como essa ferramenta transforma as configurações de diferentes movimentos sociais.

## **CAPÍTULO 2: NOTAS METODOLÓGICAS – ENTRE LINKS, ÁUDIOS E BATE-PAPO**

No intuito de atender aos objetivos de pesquisa – quais são as dinâmicas do uso do *Facebook* por diferentes movimentos sociais da cidade de Viçosa/MG e da região da Zona da Mata Mineira – é necessário descrever o desenho metodológico no qual o trabalho está ancorado: estrutura de pesquisa, coleta e análise de dados.

Como citado na introdução, a pesquisa pretendida se coloca como uma sequência de um trabalho anterior, no qual buscamos entender como o ativismo online foi discutido na produção acadêmica brasileira (SARMENTO e VIANA, 2019).

Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliométrica nas revistas acadêmicas nacionais avaliadas minimamente, como Qualis Capes B1 nas áreas de Ciência Política e Comunicação, respectivamente. Ao total, encontramos 14 periódicos que atendiam aos requisitos e iniciamos a coleta dos artigos, publicados em Português, a partir dos sites das revistas ou da plataforma SciELO. Selecionamos trabalhos compreendidos entre 2000 a 2017, somando 25 artigos publicados com a referente temática. Organizamos e preenchemos um banco de dados com 28 variáveis no Excel, para aferir informações como: tema geral e objetivo do artigo; fenômenos observados (informação, organização e mobilização - serão explicados a seguir); metodologia empregada; se apresentava pesquisa empírica ou ensaio teórico; arena online analisada, dentre outros.

Utilizamos a análise de conteúdo (AC) (BAUER, 2002; CAVALCANTE et al., 2014) para entender, através de nossos recortes empíricos, como o ativismo online foi pesquisado no cenário brasileiro. Segundo Bauer (2002, p. 191), a AC pode ser entendida como “uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada”, que refere-se “aos procedimentos sistemáticos, metodologicamente explícitos e replicáveis” (idem). Em outras palavras, essa técnica possibilita a condução de descrições sistemáticas (quantitativas ou qualitativas) do conteúdo emitido no processo comunicacional, “permitindo a realização de inferência de conhecimentos” (CAVALCANTE et al., 2014, p. 14).

Compreender os fenômenos que os trabalhos acadêmicos analisavam se tratava de uma pergunta central no nosso trabalho, especialmente por serem relacionados à própria ideia de ativismo online que contornava cada artigo. Realizamos a codificação dos fenômenos baseada nas terminologias das áreas de internet e política e movimentos sociais. Classificamos o fenômeno de um artigo a partir de três categorias.

### Quadro 1: Fenômenos codificados a partir das terminologias das áreas de internet e política

Fenômenos	
Informação	Trabalhos que discutiam, como objetivo central para o ativismo online, a ampliação de narrativas, construção de contra narrativas.
Mobilização	Textos que focalizavam a capacidade de mobilizar pessoas para uma determinada causa, campanha, circulação de hashtags, construção de laços de solidariedade.
Organização	Artigos que tratavam das implicações da dimensão online na construção organizativa de um determinado coletivo/movimento/fluxo.

Fonte: Sarmento e Viana (2019).

Dentre os artigos analisados, 36% citavam o ativismo online como mecanismo para circular narrativas, novos discursos, demandas e pautas (informação) e 28% o apresentavam em sua capacidade de mobilizar pessoas para campanhas e causas (mobilização). Já a dimensão organizativa dos movimentos sociais mostrou-se periférica nos estudos sobre ativismo e internet (16%).

Após o esforço em entender as discussões acadêmicas em âmbito nacional sobre ativismo e internet, investigamos as dinâmicas do uso da internet por diferentes movimentos sociais de Viçosa/MG e região. A preocupação central neste recorte foi voltar o olhar para os movimentos locais e as relações que ocorriam na e com a internet à partir dos fenômenos categorizados na pesquisa nacional sobre ativismo e internet, especialmente pelo fato de que vários desses estudos pouco se atentavam à escala subnacional.

No intuito de averiguar a dinâmica dos movimentos sociais diante do contexto das NTIC's, estruturamos a pesquisa em dois eixos: 1) no primeiro eixo por meio de uma abordagem quantitativa, coletamos dados nas páginas de cada movimento na rede social *Facebook*; 2) no segundo eixo, de abordagem qualitativa, realizamos uma coleta de dados primários, através de entrevistas semiestruturadas, com um(a) responsável pela administração da página de cada movimento social definido<sup>4</sup>.

Para tal finalidade, optamos por trabalhar com quatro movimentos sociais dos quais extraímos nosso corpus: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) região da Zona da Mata Mineira, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) Minas Gerais, Marcha Mundial das Mulheres (MMM) Núcleo Viçosa, e Quem Luta Educa.

---

<sup>4</sup> As páginas de todos os movimentos sociais são administradas por ao menos duas pessoas.

Na escolha dos movimentos, levamos em consideração o momento histórico em que surgem. Neste sentido, como movimentos tradicionais, no qual as reivindicações principais encontram-se voltadas para questões de classe social ou econômicas, analisamos o MAB Minas e o MST Zona da Mata. A Marcha Mundial das Mulheres Núcleo Viçosa, é pensada num cenário de novos movimentos, que apresentam pautas relacionadas à expansão de direitos. Já o Quem Luta Educa, surge em um contexto recente, como uma rede de movimentos, que abarca vários movimentos da região, como a própria Marcha, o MAB, MST, movimentos estudantis, entre outros.

Cada movimento social será compreendido como um caso analisado descritivamente e em alguma medida, comparativamente. Empregamos a AC – para análise dos casos e das entrevistas -, a fim de organizar e interpretar nosso objeto a partir de categorias analíticas previamente definidas, e desse modo, perceber as diferentes dimensões do fenômeno social estudado (BAUER, 2002; CAVALCANTE et al., 2014).

No primeiro eixo, escolhemos o *Facebook* no desenho de pesquisa por se tratar da segunda rede social mais utilizada no Brasil (SECOM 2018; GLOBAL DIGITAL REPORT, 2019), além de ser a plataforma em que os quatro movimentos sociais possuíam páginas ativas<sup>5</sup>.

**Figura 1: Interface do *Facebook***



Fonte: <https://www.facebook.com/>.

<sup>5</sup> MST Zona da Mata. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/mst.zm.mg/>; MAB Minas Gerais. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/mabminasgerais/>; MMM Núcleo Viçosa. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/mmmvicosas/>; Quem Luta Educa – Viçosa. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/qlvicosas/>. Todos links foram checados em: 02.12.19.



As coletas no *Facebook* foram realizadas em dois momentos, em novembro de 2018 e em maio de 2019, por meio do aplicativo Netvizz<sup>6</sup> (ALVES, 2016). Coletamos as postagens realizadas pelos movimentos no período de um ano - abril de 2018 à abril de 2019.<sup>1</sup> Definimos o período de coleta a partir de abril de 2018 por se tratar do mês de criação da página Quem Luta Educa - Viçosa. Esse recorte foi necessário para coletarmos dados no mesmo período temporal nas quatro páginas. O conteúdo coletado totalizou 581 postagens realizadas pelos quatro movimentos sociais neste recorte temporal<sup>7</sup>. As atualizações de fotos de perfil e capa das páginas foram excluídas da coleta.

A partir da coleta, organizamos um banco de dados no Excel com 21 variáveis, para coletar informações como: movimento social; página no *Facebook* e respectivo link de acesso; data de criação e “sobre” da página; link e data da postagem; *post* original ou *repost*; informação proveniente de mídias tradicionais (como jornais); número de curtidas, comentários e compartilhamentos da postagem; postagem com imagem ou vídeo; *post* de divulgação de evento; fenômenos da postagem e assunto. No tratamento dos dados, realizamos análises estatísticas descritivas viabilizadas pelo software STATA. Para o preenchimento do banco, realizamos uma análise de conteúdo textual, visual e audiovisual dos casos para entender o conteúdo expresso nas postagens - e não os sentidos que buscavam manifestar a partir delas.

No segundo eixo da pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas com os ativistas responsáveis pela administração das redes sociais dos movimentos. A partir das vozes desses atores, as entrevistas buscaram compreender quais os usos feitos da plataforma e quais papéis atribuem à internet para a manutenção do movimento social. De acordo com Gaskell (2002) a entrevista introduz esquemas interpretativos ao pesquisador, para compreender as narrativas dos indivíduos entrevistados, além de permitir “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2002, p. 65).

Para a execução das entrevistas, iniciamos contato pelas páginas de cada movimento. A partir daí, cada interação com o responsável pela administração da *Fanpage* ocorreu de modo diferente. O MST Zona da Mata disponibilizou o contato

---

<sup>6</sup> Ferramenta (API) para o *Facebook* que permitia extrair dados de páginas, grupos e usuários da rede social. O aplicativo Netvizz foi extinto pela rede social poucos meses após a coleta dos dados.

<sup>7</sup> Durante a análise, percebemos que vários dos casos foram excluídos da rede social ou tiveram os links corrompidos/quebrados.

telefônico de um dos administradores e a entrevista foi realizada por gravação de áudios através do aplicativo *Whatsapp*<sup>8</sup>.

Os movimentos Marcha Núcleo Viçosa e Quem Luta Educa Viçosa não responderam as mensagens enviadas pelo *Facebook*. Por esses movimentos atuarem de modo mais restrito em Viçosa/MG, a pessoa responsável pela administração da página da Marcha Núcleo Viçosa já era conhecida, e conseguimos estabelecer contato presencialmente e realizar a entrevista. Esse contato pessoal foi viabilizado pelo engajamento da pesquisadora em redes de movimentos sociais da região.

Já o contato com o representante da página Quem Luta Educa Viçosa foi realizado por meio da técnica metodológica bola de neve, “uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência”, e mostra-se “útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados” (VINUTO, 2014, p. 203), tirando proveito “das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador com um conjunto cada vez maior de contatos potenciais” (idem, p. 204). Nesse sentido, a pessoa entrevistada da MMM Núcleo Viçosa<sup>9</sup> indicou e disponibilizou o contato do entrevistado do MS Quem Luta Educa, estabelecido através do *Whatsapp*. Na primeira tentativa de realizar a entrevista, a pessoa não compareceu e após nova solicitação, remarcamos a entrevista que também aconteceu presencialmente.

A comunicação com o MAB Minas foi a mais complexa dentre todos os movimentos e ocorreu integralmente pelo bate-papo do *Facebook*. Demoramos a conseguir respostas do movimento e após um tempo em contato, a pessoa entrevistada se disponibilizou a responder as perguntas de forma escrita. Enviamos as perguntas que seriam feitas na entrevista semiestruturada em formato de documento pela rede social, e recebemos as respostas da mesma forma. Estamos cientes das limitações que essa abordagem apresentou na coleta de dados e o que isso implicou em nossas análises.

No próximo capítulo, apresentaremos as análises dos dados, que estão divididos em três partes: na primeira discorreremos sobre a presença digital dos movimentos sociais na rede social delimitada. Na segunda, apresentamos os assuntos que atravessam o uso da rede social pelos MS. Por fim, na terceira parte, analisamos as narrativas dos nossos interlocutores a partir dos dados coletados nas páginas.

---

<sup>8</sup> Houve a tentativa de realizar a entrevista presencialmente, mas por questões de distância entre as cidades entrevistado/entrevistador, não foi possível. Tentamos também realizar a entrevista por chamada de vídeo, mas a internet não foi suficiente para manter a conexão.

<sup>9</sup> A interlocutora da MMM Núcleo Viçosa também pertencia ao movimento Quem Luta Educa.

## CAPÍTULO 3: ANÁLISE – MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE

### 3.1. OS MOVIMENTOS ANALISADOS

Como primeiro foco de análise, apresentaremos brevemente os movimentos sociais estudados, e, a seguir, os dados comparados que retratam de maneira mais abrangente, as características de suas presenças digitais no *Facebook*. Apresentaremos os movimentos cronologicamente, dos mais tradicionais para os mais atuais.

O MST surgiu há 35 anos, em Cascavel (PR), quando trabalhadores rurais resolveram fundar um movimento social camponês, que lutasse pelo direito à terra, pela reforma agrária e por diversas transformações sociais no Brasil (CARTER, 2006). O acampamento ou assentamento é a principal forma de ação de protesto pelo qual o movimento é amplamente conhecido. Hoje o MST está presente nos 24 estados do país, com cerca de 350 mil famílias distribuídas em assentamentos rurais. O movimento se organiza por meio de núcleos e coordenações, e suas lideranças nos diversos níveis - regionais, estaduais e nacionais - são rotativas. Na região da Zona da Mata – MG, o movimento possui três assentamentos: Dênis Gonçalves em Goianá, Marielle Franco em Tocantins e Olga Benário em Visconde do Rio Branco. A página no *Facebook* analisada neste trabalho (figura 2), foi criada em abril de 2014 e é constituída pelos três assentamentos existentes na região (MST, 2019).

**Figura 2: Print da Página MST Zona da Mata - MG**



Fonte: <https://www.facebook.com/mst.zm.mg/>.

O MAB é um movimento político popular, criado no final dos anos 1970, que busca garantir o direito das pessoas vítimas de construções de barragens. O movimento começou a dar os primeiros passos quando usinas hidrelétricas passaram a ser construídas no Brasil, como uma forma de substituição à falta do petróleo. No processo de construção de usinas, famílias que viviam na beira dos rios passaram a ser deslocadas de suas propriedades, muitas das vezes sem a indenização adequada. A insatisfação dessas famílias fez com que elas se articulassem e criassem uma organização para enfrentar as propostas de criação de grandes barragens. Após diversas mobilizações, em 1991, ocorre o “I Congresso dos Atingidos de todo o Brasil”, e o MAB é então definido como um movimento nacional, autônomo e popular, de oposição às construções de barragens. A organização do MAB é formada por grupos de bases, compostos por famílias ameaçadas ou atingidas, direta ou indiretamente por barragens (MAB, 2019).

Na página do *Facebook* o movimento declara que luta, em Minas Gerais e no Brasil, “por um modelo energético popular, que respeite a vida do povo e dos rios” (MAB, 2019). Além disso, as frases “água e energia não são mercadorias” e “águas para a vida, não para a morte”, fazem parte dos “gritos de guerra” do movimento social. Para o presente trabalho, analisamos a página do *Facebook* (figura 3) do MAB, criada em agosto de 2014, que possui abrangência estadual.

**Figura 3: Print da Página MAB Minas Gerais**



Fonte: <https://www.facebook.com/mabminasgerais/>.

Diferente do MST Zona da Mata e MAB Minas, que possuem no *Facebook* páginas de alcance regional e estadual, respectivamente, passamos a falar agora de dois movimentos sociais com maior enfoque no nível municipal: MMM – Núcleo Viçosa (imagem 4) e Quem Luta Educa – Viçosa (imagem 5).

**Figura 4: Print da Página Marcha Mundial das Mulheres – Núcleo Viçosa**



Fonte: <https://www.facebook.com/mmmvicosa/>.

“Mudar o mundo e mudar a vida das mulheres em um só movimento. Igualdade para todas. Fortalecimento de espaços coletivos das mulheres: populares, autônomos e diversos [...]. Solidariedade e internacionalismo” (MMM, 2019). Essas são apenas algumas das características que a Marcha Mundial das Mulheres apresenta como responsáveis pela construção de um movimento permanente no Brasil e no mundo. A inspiração para a criação da MMM surgiu de uma manifestação no Quebec, Canadá, em 1995, “quando 850 mulheres marcharam 200 quilômetros, pedindo, simbolicamente, *Pão e Rosas*” (MMM, 2019). Após a manifestação, alcançaram conquistas como: mais direitos para as mulheres migrantes, apoio à economia solidária, aumento do salário mínimo. A partir disso, as mulheres do Quebec buscaram contato com outras mulheres de diversas organizações do globo.

No Brasil, o primeiro contato ocorreu com a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que definiram representantes e as enviaram para a 1ª MMM que ocorreu em Quebec, em 1998. Atualmente no país a Marcha Mundial das Mulheres está organizada em 20 estados, a partir de núcleos e comitês, presentes nos estados e nas cidades. Em Viçosa, o núcleo da MMM foi inaugurado em 2017, a partir da articulação de duas

militantes feministas da cidade<sup>10</sup>. Para o presente trabalho, buscamos examinar a página deste núcleo na rede social, criada em março de 2018.

Já o MS Quem Luta Educa – Viçosa passou a existir com esse nome em meados de 2016, mas desde 2013 os participantes desse movimento já se organizavam a partir de outras estruturas. A primeira estrutura dessa organização nasce como “Comitê Viçosa pela Garantia de Direitos”, até desaguar na nomenclatura atual – Quem Luta Educa - Viçosa. O repertório do movimento é composto por ações em greves, atos políticos, mesas e rodas de conversas, entre outras atividades. Nesses eventos, sempre são pautados temas como a defesa pela universidade, reforma da previdência, reforma trabalhista e reforma do ensino médio, retirada de direitos, processos de terceirização -, que geralmente possuem relação com a classe trabalhadora. A atuação desse movimento em Viçosa possui o intuito de ser uma frente que reúne diversos movimentos sociais da cidade e da região (que pode ser notado na foto de capa da figura 5: um evento com as diversas bandeiras expostas ao fundo<sup>11</sup>). Analisaremos essa página do movimento (figura 5), existente desde de abril de 2018, que compõem a empiria desta pesquisa.

**Figura 5: Print da Página Quem Luta Educa - Viçosa**



Fonte: <https://www.facebook.com/qlevicosa/>.

<sup>10</sup> Descrição escrita a partir do relato da entrevistada da MMM Núcleo Viçosa.

<sup>11</sup> A descrição do Quem Luta Educa foi escrita a partir do relato do entrevistado do movimento.

### 3.2 FACEBOOK EM FOCO: PRESENÇA DIGITAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Após a breve apresentação dos MS, um primeiro ponto de análise proposto, é compreender as características gerais - em termos do alcance em números - que as páginas possuem na rede social.

O Quadro 2 apresenta a data de criação das páginas e seus respectivos números de curtidas. Esses dados são interessantes para entendermos o número de casos coletados e o engajamento nas publicações. As páginas dos movimentos MST Zona da Mata e MAB Minas Gerais, criadas há pouco mais de cinco anos, apresentam maior número de curtidas<sup>12</sup> e casos coletados (tabela 1), do que os movimentos MMM Núcleo Viçosa e Quem Luta Educa, criadas há menos de dois anos. Além do tempo de existência, há também o local que as páginas abarcam. Como já descrevemos, os dois primeiros movimentos possuem páginas regionais e estaduais – o que permite alcançar um maior número de pessoas.

**Quadro 2: Data de criação e número de curtidas das páginas**

Movimento	Data de criação	Nº de curtidas
MST Zona da Mata	25 abril 2014	2345
MAB Minas Gerais	14 agosto 2014	3097
MMM Núcleo Viçosa	24 março 2018	289
Quem Luta Educa – Viçosa	14 abril 2018	261

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 1: Número de casos por movimento social**

Movimento	Nº de casos coletados ( <i>posts</i> )	Percentual
MAB Minas Gerais	267	46%
MST Zona da Mata	181	31%
Quem Luta Educa – Viçosa	93	16%
MMM Núcleo Viçosa	40	7%
Total	581	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

<sup>12</sup> O número de curtidas das páginas é referente ao período de coleta dos dados (maio/2019).

Além dos fatores geográficos, constatamos a partir das entrevistas, que a estrutura organizacional dos movimentos – pessoas com funções bem delimitadas dentro da organização – influencia na forma que as redes sociais são administradas e consequentemente, na periodicidade e quantidade de postagens realizadas nas páginas. Voltaremos a tratar desse assunto de modo mais descritivo, no tópico 3.2, no qual analisamos as entrevistas.

Ao olhar para envolvimento em curtidas, comentários e compartilhamentos das páginas (tabela 2), notamos números bem baixos em relação ao número de curtidas que as páginas possuem.

**Tabela 2: Número médio de interações nos casos**

Movimento	Média		
	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
MST Zona da Mata	25,2	1,0	6,4
MAB Minas Gerais	17,2	0,9	12,9
MMM Núcleo Viçosa	7,5	0,5	2,8
Quem Luta Educa – Viçosa	1,8	0,1	0,5

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma razão da baixa interação pode ser encontrada no próprio *Facebook*. A rede social possui duas formas de divulgação do conteúdo: 1) orgânico: referente ao alcance das postagens não pagas feitas nas páginas; 2) pago: indica o conteúdo pago para gerar impulsionamento, para que as postagens alcancem mais pessoas (*FACEBOOK*, 2019). Em 2013, a empresa admitiu que limitaria o alcance orgânico das publicações e aconselhou aos proprietários de páginas que realizassem postagens pagas na rede social (*DELO*, 2013). Como os movimentos sociais analisados utilizam apenas a opção de divulgar conteúdos orgânicos na rede, isso obviamente limita o alcance de suas publicações para os/as interlocutores/as e para outras pessoas que não acompanham as páginas.

A segunda explicação diz respeito ao teor das publicações realizadas, ou seja, os conteúdos e assuntos apresentados nas páginas. Na próxima seção deste trabalho, apresentaremos os principais assuntos postados e discutiremos como isso pode diminuir a visibilidade dos movimentos sociais na rede social.



Ao analisarmos as origens das postagens realizadas, percebemos que 69% foram conteúdos criados pelas próprias páginas (*posts* originais). Os *reposts* são sempre de outras páginas próximas ao movimento, como núcleos de outras regiões ou estados, ou do movimento nacional ao qual ele representa. Ademais, apenas 7% dos casos eram provenientes de mídias tradicionais, como jornais e revistas, e a maior parte de mídias alternativas, como: Brasil de Fato, Jornal GGN, entre outros.

Procuramos identificar os principais recursos empregados nas postagens. De acordo com a tabela 3, o principal recurso utilizado por todos movimentos sociais foi visual, com imagens, fotos, desenhos. O MAB Minas e o MST Zona da Mata, mobilizam mais vídeos em seus conteúdos, enquanto a MMM Núcleo Viçosa e o Quem Luta Educa - Viçosa, realizam mais postagens com textos e links que direcionam a notícias.

**Tabela 3: Recursos empregados**

Movimento	Recurso			
	Imagem	Vídeo	Outro	Total
MAB Minas Gerais	145	91	31	267
MST Zona da Mata	124	38	19	181
Quem Luta Educa – Viçosa	46	11	36	93
MMM Núcleo Viçosa	28	0	12	40

Fonte: Dados da pesquisa.

Mapeamos também os casos referentes a eventos. O movimento que mais publicou convites para eventos foi o MST Zona da Mata com 48 casos, seguido do MAB Minas (24 casos), MMM Núcleo Viçosa (21 casos) e Quem Luta Educa (19 casos). É interessante notar neste ponto como os MS utilizam o *Facebook* para divulgar suas pautas e eventos, mas os encontros presenciais continuam ocorrendo, o que corrobora com o argumento de Scherer-Warren (2013). A autora afirma que os encontros presenciais se mantêm necessários para os movimentos sociais para aprofundar os debates, os espaços de discussão política, além do importante papel pedagógico que cumprem.

Por fim, uma análise muito importante sobre a presença digital desses movimentos sociais diz respeito aos fenômenos das postagens (tabela 4). Classificamos os casos de acordo com fenômenos explicados anteriormente: informação, mobilização e organização (quadro 1).

**Tabela 4: Fenômenos dos casos analisados**

Movimento	Fenômenos				Total de casos
	Mobilização		Informação		
	Caso	Percentual	Caso	Percentual	
MAB Minas Gerais	55	28,9%	212	54,2%	267
MST Zona da Mata	82	43,2	99	25,3%	181
Quem Luta Educa – Viçosa	26	13,7%	67	17,1%	93
MMM Núcleo Viçosa	27	14,2%	13	3,3%	40
Total	190	100%	391	100%	581

Fonte: Dados da pesquisa.

O primeiro resultado evidente na tabela 4 é que não existem casos referentes à organização, isto é, publicações sobre a construção organizativa dos movimentos sociais. Em resumo, significa que os movimentos sociais não se organizam pelo *Facebook*<sup>13</sup>. Mesmo em casos de eventos, os movimentos utilizavam a rede para divulgar e convocar as pessoas, mas não para organizá-los.

Em 190 casos, os MS mobilizaram pessoas para diversas manifestações, campanhas, eventos, circulações de hashtags, entre outras atividades. Como exemplos, um caso de evento, direcionado à **mobilização** de pessoas:

**QUEM MANDOU MATAR MARIELLE FRANCO?!**

Hoje após quase 1 ano do brutal assassinato da vereadora Marielle Franco, foi anunciada a descoberta e prisão de quem a executou. Os dois suspeitos são ex-militares, Ronnie Lessa recebeu uma moção de congratulações, aplausos e de louvor em 1998 e Élcio Vieira de Queiroz, outro suspeito de participação na morte de Marielle, foi expulso da PM.

Porém ainda nos cabe duas perguntas. Porque foi preciso quase um ano para se achar os executores dessa atrocidade? E a mando de quem?

Não basta sabermos quem a matou, é preciso saber quem mandou mata-la e a custo e interesse de que?

Nossa luta não vai parar agora, Marielle Franco está presente em todos nós, assim como muitas famílias e companheiros não descansaram diante do assassinato de jovens lutadores no período da ditadura militar, nós não descansaremos até que descubram quem mandou mata-la para que haja justiça.

Pela memória e justiça de Marielle Franco!  
Não nos calarão!

<sup>13</sup> No tópico 3.3, retomaremos a discussão da relação entre internet e organização dos MS.

CONCENTRAÇÃO DO ATO AS 16:30 EM FRENTE AO BERNARDÃO<sup>14</sup>  
(QUEM LUTA EDUCA, 14 mar 2018, caso 510).<sup>15</sup>

Casos dedicados à mobilização não necessariamente convidavam pessoas para eventos. Como exemplo, um caso enquadrado como mobilização dedicado à convocar pessoas para uma campanha de arrecadação:

📍 MAB faz campanha de arrecadação para enviar brigadas de apoio a Brumadinho

📌 O objetivo é arrecadar fundos para garantir o envio de brigadas de apoio aos atingidos e familiares das vítimas, na garantia de seus direitos, em toda bacia do rio Paraopeba.

O MAB atua na organização de famílias atingidas por barragens em todo o Brasil, como os atingidos pela barragem de Fundão, que pertence a Samarco (Vale/BHP).

“O MAB precisa de recursos para fazer este trabalho. Estamos organizando brigadas de auxílio aos atingidos, em Brumadinho e municípios onde a lama está chegando”, diz Letícia Oliveira, da Coordenação Nacional do MAB (MAB MINAS, 30 jan 2019, caso 225).

O maior uso da rede social pelos MS é para **informar**, divulgando reportagens de análises políticas, eventos ocorridos, datas comemorativas ou homenagens, etc, como abaixo.

No fim de semana ocorreu o I Encontro Estadual de Mulheres do MAM - Movimento Pela Soberania Popular na Mineração - e a Marcha esteve presente! Juntas caminhamos bem melhor! Onde tem mulher tem luta!  
Por um país soberano e sério, contra o saque dos nossos minérios!  
Seguiremos em Marcha até que todas sejamos livres! (MMM NÚCLEO VIÇOSA, 16 abr 2018, caso 34).

O MAB é o movimento que mais apresenta casos referentes à informação, muito em função da divulgação que dedicaram a fazer nos dois casos de rompimentos de barragens, em Mariana/MG (2015) e Brumadinho/MG (2019). No próximo tópico, nos dedicaremos a analisar esse caso, assim como os outros temas que atravessam o uso do *Facebook* pelos movimentos sociais.

### 3.3 TEMAS QUE ATRAVESSAM O USO DO FACEBOOK

Buscamos identificar quais assuntos atravessavam o uso do *Facebook* pelos movimentos sociais, para compreender de quais temáticas eles se ocupavam, além de

---

<sup>14</sup>Popularmente conhecido como Bernardão, o edifício Artur Bernardes é o prédio administrativo da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

<sup>15</sup> Esta mesma postagem foi realizada pela MMM na mesma data (caso 9).

obter informações que nos ajudassem a analisar as poucas interações que as páginas apresentaram na rede social.

A partir da leitura de cada postagem, criamos 11 categorias que contemplassem os principais temas levantados pelos MS nos casos coletados (tabela 5).

### Quadro 3: Categorias dos assuntos abordados pelos movimentos sociais

Assunto	Descrição
Apoio a Lula	Quando o caso abordava ações de protestos ou textos e imagens em apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que estava mantido em cárcere no período da coleta dos dados.
Caso barragem Brumadinho	Casos que apresentavam informações ou mobilizações relacionados ao rompimento da barragem em Brumadinho/MG (25/01/2019).
Caso barragem Mariana	Casos que apresentavam informações ou mobilizações relacionados ao rompimento da barragem em Mariana/MG (05/11/2015).
Caso Marielle	Quando os casos que abordavam ou denunciavam o assassinato de Marielle Franco, vereadora do estado do Rio de Janeiro/RJ pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).
Cultura	Quando os casos apresentavam hábitos, crenças, festas populares, e demais manifestações, realizadas ou que contavam com a participação dos movimentos sociais.
Educação	Casos que tratavam propriamente de processos escolares.
Eleições 2018	Quando os casos se referiam aos debates, propostas e candidatos que participaram da corrida eleitoral em 2018.
Eventos de Movimentos Sociais	Casos que representavam eventos variados organizados ou com a participação dos movimentos sociais. Enquadramos nesse assunto eventos como: assembleias, ações de protestos, palestras, mesas e rodas de conversa, conferências, audiências, entre outros.
Homenagens	Casos reservados à homenagens de pessoas caras aos movimentos sociais, pessoas deixaram legados, ou à aniversários das instituições vinculadas aos MS.
Nota de Repúdio	Quando os casos eram referentes à documentos emitidos pelos movimentos sociais em contextos de abusos ou assédios sexuais, declarações discriminatórias de figuras públicas, entre outros.
Reforma da Previdência	Casos que apresentavam análises, notícias ou discussões sobre a reforma da previdência proposta pelo governo Bolsonaro.
Outros	Categoria composta por casos com baixa recorrência, que não apareceram em volume suficiente em relação aos outros.

Fonte: Elaboração própria.

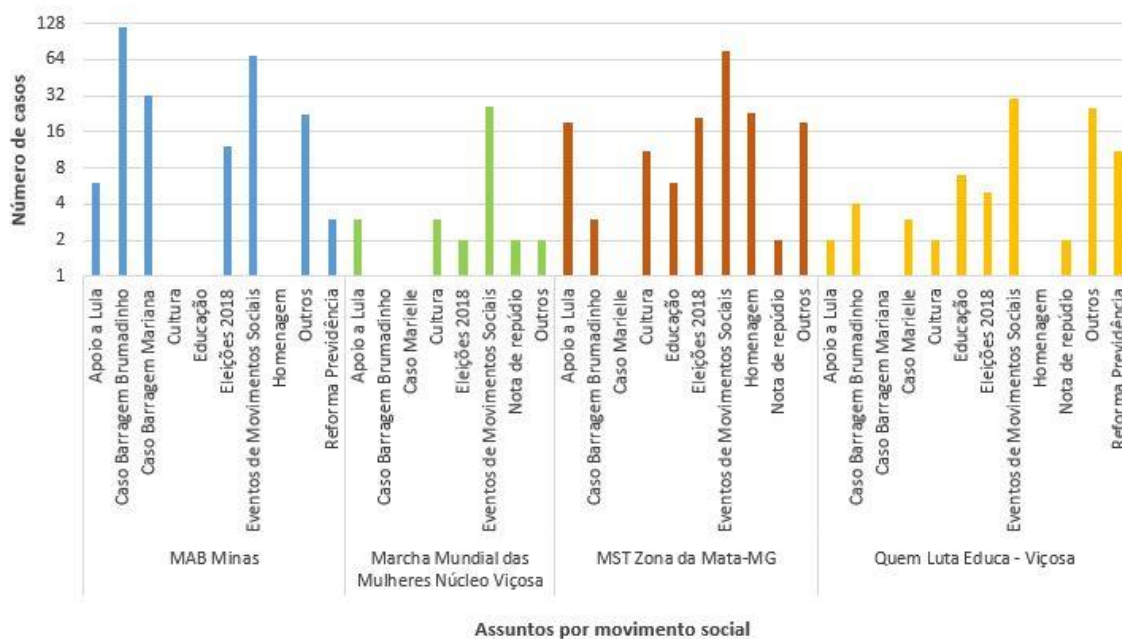
A Tabela 5 informa o número e porcentagem dos assuntos dos casos, a partir da categoria aos quais foram enquadrados. Já o gráfico 1 apresenta os dados desagregados por movimento social.

**Tabela 5: Assuntos dos casos analisados**

Assunto	Nº de casos	Percentual
Eventos de movimentos sociais	201	34,60%
Caso barragem Brumadinho	128	22,03%
Eleições 2018	40	6,88%
Caso barragem Mariana	33	6,02%
Apoio a Lula	30	5,16%
Homenagens	25	4,3%
Cultura	17	2,93%
Educação	14	2,41%
Reforma Previdência	14	2,41%
Nota de repúdio	6	1,03%
Caso Marielle	5	0,86%
Outros	68	11,36%
Total	581	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

**Gráfico 1: Assuntos dos casos por movimento social**



Fonte: Dados da pesquisa.

O assunto de maior ocorrência - eventos - foi encontrado nos casos dos quatro atores analisados, e dizia respeito às mais diversas formas de ações realizados pelos

movimentos sociais. Para categorizar esse assunto levamos em consideração, além de convocações, eventos que já haviam ocorrido e que foram postados no intuito de informar seus/suas interlocutores/as. Esse número confirma novamente a importância dos encontros presenciais para os MS, com uso da internet para fortalecimento (não substituição) desses espaços. Apresentamos abaixo alguns casos que exemplificam este assunto:

Nós da Marcha Mundial das Mulheres: nucleo viçosa estivemos presentes no dia 8 de março unificado em Belo Horizonte!  
Seguiremos em marcha ate que todas sejamos livres! (MMM NÚCLEO VIÇOSA, 13 mar 2019, caso 12).

BR PLENÁRIA PARA ORGANIZAÇÃO DA RESISTÊNCIA BR  
Frente Brasil Popular - Juiz de Fora

O momento exige unidade de todo o campo democrático popular, para o fortalecimento da luta contra o fascismo, a retirada de direitos da classe trabalhadora e a ameaça às liberdades políticas. No último período, milhares de pessoas se mobilizaram através da campanha de Fernando Haddad/Manuela D'Ávila. Essa mobilização não pode se dispersar e será o fator multiplicador da resistência que já formamos até aqui.

Por isso, convocamos todas e todos a participarem da Plenária da Frente Brasil Popular, para avaliar o cenário político e organizar os próximos passos na luta.

A luta continua!

☞ Terça feira, 06 de novembro, às 18h30.  
☛ Sindicato dos Bancários - Rua Batista de Oliveira, 745 – Centro (MST ZONA DA MATA, 5 nov 2018, caso 379).

O segundo assunto de maior ocorrência - caso barragem Brumadinho - também foi encontrado nas publicações dos quatro MS estudados. A grande proporção desse assunto demonstra a dedicação dos movimentos sociais, especialmente do MAB Minas, em acompanhar de perto os atingidos, divulgar, denunciar e envolver as pessoas para um dos maiores crimes ambientais do Brasil, causada pela empresa de mineração Vale, que matou 250 pessoas e deixou outras 20 desaparecidas <sup>16</sup>. O mesmo acontece com o “caso barragem Mariana”, que apresenta mais frequência nas postagens do MAB Minas. A localização estadual dos movimentos e a força da mineração enquanto atividade econômica em Minas Gerais ajuda a explicar esse achado.

Após a manifestação de ontem, 25 de setembro, atingidos pela lama de rejeitos das Samarco/Vale/BHP voltam a bloquear as entradas do município de Barra Longa. Como resposta, os moradores chegam ao escritório da Fundação renova em Barra Longa e encontram as portas fechadas. Em cartaz, a entidade afirma: “A Fundação reafirma que entende como legítima a manifestação dos atingidos, está aberta ao diálogo e a participação social e

---

<sup>16</sup> <https://portalcorreio.com.br/numero-de-vitimas-brumadinho-chega-250/>.

assim que for retomada a normalidade as atividades voltarão a acontecer no escritório”. Os moradores reivindicam uma data de reunião com o presidente da Renova para tratar de suas pautas, como reconhecimento de garimpeiros, pescadores e mulheres que perderam renda após o rompimento e a reforma de todas as moradias indicadas em assembleia, entre outras pautas (MAB MINAS, 26 set 2018, caso 268).

#### 🚩 FAMÍLIAS EM HOTÉIS SOFREM PROBLEMAS

Na manhã do dia 06 de fevereiro o Movimento dos Atingidos por Barragens-MAB realizou visitas às famílias que estão hospedadas em pousadas no distrito de Casa Branca.

Desde o rompimento da barragem de Córrego do Feijão, crime da Vale, algumas famílias atingidas pela lama de rejeitos estão sendo realocadas para pousadas no entorno da comunidade.

O MAB observa a profunda transformação na vida de todas as famílias atingidas, e ainda mais àquelas realocadas para as hospedagens.

Principais reclamações de moradores:

- A falta de informação sobre as buscas das vítimas do Massacre da Vale, que não chega às pousadas;
- Distanciamentos das famílias de Córrego do Feijão, local onde vivem e onde têm laços afetivos;
- Abuso de privacidade, com a imprensa batendo em suas portas a todo momento;
- Faltam serviços na atual localidade onde estão hospedados temporariamente;
- Dificuldade de adaptação ao novo local.

As famílias cobram ainda a agilidade dos veículos que fazem o transporte entre os locais até Córrego do Feijão (MAB MINAS, 6 fev 2019, caso 212).

Percebemos também muitos casos relacionados às eleições 2018 (40), em que os principais objetivos eram realizar campanha para candidatos de partidos mais à esquerda do espectro político, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT). Além disso, nesses casos eles também circulavam a hashtag “#elenão”, um movimento de manifestação popular liderado por mulheres contra a candidatura do atual presidente do país, Jair Bolsonaro<sup>17</sup>.

Confira o posicionamento do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) sobre o momento conjuntural com a proximidade do primeiro turno das eleições.

#AtingidosPorBarragensComHaddad

#VoteHaddad13 #EleNão #HaddadÉLula #LulaLivre (MAB MINAS, 4 out 2018, caso 264).

#JuizdeFora

Ontem estivemos com a nossa querida presidenta Dilma Rousseff em um grande e lindo ato de luta!

#DeputadaÉ1314

#DilmaSenadora (MST ZONA DA MATA, 30 set 2018, caso 407).

Os casos de “apoio a Lula” também apareceram nas publicações de todos os MS, ao divulgarem manifestações, e caravanas pedindo a liberdade do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT). Em ambos os casos, notamos maior presença das categorias

---

<sup>17</sup> Notícia sobre o movimento #elenão: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>.

nas páginas dos movimentos MAB Minas e MST Zona da Mata, partidos que possuem maior rede de interação com os partidos e seus representantes.

▶ \_"Esse é o nosso país, essa é a nossa bandeira! É por amor a essa pátria Brasil, que a gente segue em fileira!"\_

🌐 Levantando a bandeira na defesa da democracia, dos direitos do povo brasileiro e por Lula Livre, o MST em conjunto com diversos movimentos populares do campo e da cidade realiza entre os dias 10 a 15 de agosto mais uma marcha nacional, rumo à capital Brasília!

BR Serão três colunas em marcha, que reunirá em torno de 5 mil pessoas, percorrendo cerca de 50 km em cada uma das colunas. Dialogando com a sociedade nas cidades por onde percorrer, a \*Marcha Nacional Lula Livre\* pretende envolver e debater com a população os reais problemas do povo brasileiro.

👤👤👤 A Marcha deve mobilizar camponeses e camponesas de todos os estados onde o MST está organizado, numa importante demonstração de resistência, força e disposição para a luta na defesa do nosso país.

👤 \*Seja mais um e mais uma nessa Marcha! Essa luta é de todos nós!\*

👤 Acompanhe em nosso evento o percurso, as atividades e tudo o que vai acontecer durante os dias de Marcha: <https://www.Facebook.com/events/253867308775118/>

#MarchaLulaLivre (MST ZONA DA MATA, 27 jul 2018, caso 442).

A categoria “outros” merece uma atenção especial. Os 66 casos postados com baixa recorrência, revelam como em alguma medida os MS tentam acompanhar o fluxo de informações que circulam na internet, e, nessa tentativa, realizam um processo comunicacional com assuntos que não estão diretamente vinculados às suas pautas, mas dizem mais respeito sobre à conjuntura política brasileira. Ao buscar reagir mais à conjuntura, os movimentos postam de modo acelerado, o que não possibilita um volume de casos para construção de uma outra categoria, contudo significa também que estes movimentos estão atentos às outras notícias e acontecimentos, a níveis locais e nacionais. Com isso, podemos pensar como os movimentos sociais se tornam mediadores, tradutores ou amplificadores de informações políticas. Alguns exemplos de casos nessa categoria são citados abaixo:

Após o AI-5, todas as publicações dos veículos de comunicação eram proibidas ou liberadas pelos militares.

Em uma intervenção militar quem pode contar a verdade?

#DitaduraNuncaMais (MST ZONA DA MATA, 29 maio 2018, caso 458).

Notícia: 'Regime de recuperação fiscal' deixará MG de joelhos e não soluciona dívida com União:

Se Minas aderir ao RRF, vai abrir mão da discussão judicial; do patrimônio público; vai cortar gastos com a saúde e educação; penalizar os funcionários públicos e, no final, não vai resolver o problema da dívida com a União, pois, simplesmente, esta será suspensa e os encargos continuarão incidindo sobre a dívida mensalmente, ou seja, jogando o problema para o futuro (QUEM LUTA EDUCA, 21 fev 2019, caso 261).



Lei Kandir já causou perdas de meio trilhão de reais aos estados:  
Lei que isenta pagamento de imposto aos produtos não industrializados, incluindo a mineração, ocorreu um ano antes da privatização da Vale (MAB MINAS, 12 fev 2019, caso 194).

Ao observarmos o conjunto de casos, uma característica marcante que notamos em comum nos quatro movimentos é que todos possuem redes de interação bem definidas, muito em função das pautas e identidade de cada MS. Toda estratégia de comunicação na rede social está direcionada a um público muito específico, que já conhece o MS, o que limita o alcance das postagens realizadas pelos MS.

Nesta perspectiva, Bittencourt (2015) versa sobre a utilização do *Facebook* por ações coletivas, e como as particularidades da rede social - já citadas neste trabalho-, não contribuem para as “possibilidades de engajamento e incremento da visibilidade das causas defendidas” (p. 124). De acordo com a autora, os conteúdos que acessamos na internet possuem um processo de personalização de informações (*filter bubble*)<sup>18</sup>, “que inibe o acesso a conteúdos divergentes” e contraditórios (idem, p. 127). Segundo a autora, a estratégia em adotar o *Facebook* para aumentar a circulação de conteúdo dos movimentos, pode se tornar um agravante e diminuir, ao invés de aumentar, a visibilidade dos discursos dos coletivos, justamente devido as barreiras encontradas na apropriação da rede social, que torna os MS presos aos mecanismos de controle da rede.

### **3.4. O ATIVISMO DIGITAL PELA PERSPECTIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

Após a análise da presença digital dos movimentos sociais, buscamos compreender, a partir da entrevistas dos ativistas responsáveis pela administração das páginas, qual o objetivo dos movimentos nas redes digitais e quais papéis atribuem à internet, partindo do pressuposto que a apropriação das NTIC's faz parte do cotidiano atual dos MS (CASTELLS, 2013).

Nosso primeiro objetivo foi no sentido de entender quais usos da internet pelos movimentos sociais, já que pela análise do *Facebook* havíamos averiguado que eles informavam e mobilizavam seus interlocutores, mas não utilizavam a ferramenta para a estrutura organizacional do movimento.

---

<sup>18</sup> Termo criado por Eli Pariser para dizer dos processos de personificação das informações a partir de algoritmos presentes em alguns sites, que observam as preferências, interações, afinidades de determinada pessoa e depois fornece informações ao usuário de acordo com as suposições do que ele gostaria de ver (BITTENCOURT, 2015).

Diante disso, a partir das entrevistas, conseguimos identificar dois diferentes usos da internet pelos MS. Um primeiro uso externo procura atingir pessoas de fora do movimento, a partir de redes sociais como o próprio *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* e *Twitter*, justamente para informá-las sobre diversos assuntos e mobilizá-las para variadas campanhas. O segundo uso, de cunho interno, diz respeito à estrutura organizativa dos movimentos, construídos principalmente a partir de aplicativos de conversa criptografados, facilitando a construção de redes de movimentos, e as atividades dos grupos, em termos de custo e de tempo.

Buscamos entender então quais as funções atribuídas especificamente ao *Facebook*. De acordo com nossos entrevistados, todas as páginas surgem no sentido de dar visibilidade aos movimentos a partir de suas regiões, sem que fosse necessário enviar as postagens para uma página nacional ou estadual, por exemplo<sup>19</sup>.

Algumas proximidades podem ser percebidas no entendimento da rede a partir da pontuação de todos ativistas: o *Facebook* é um espaço para mobilizar pessoas, mas também de disputa de narrativas e informações, que não circulam nos grandes veículos de comunicação. De acordo com o interlocutor do MST Zona da Mata, a página regional do movimento é importante para formar e informar as pessoas sobre a atuação do movimento, além de ser um canal de denúncias.

Então, a página do *Facebook* é mais pra informar as pessoas, né. É, formar e levar formação. Que muita gente não tem muito acesso ao MST pessoalmente. Uns tem acesso ao MST na televisão, mas lá é só o lado ruim, né, nunca olha o nosso lado bom. Então é pra mostrar como ta indo mais ou menos o movimento, com as notícias que nem todo mundo sabe [...]. Informar na verdade, né, e formar as pessoas do acontecimento da nossa regional, né, tanto em produtos, tanto em ocupação de terra, tanto é, como que fala, denúncia. A maioria, a maioria é denúncia, né. Vamos denunciar! Hoje a internet é uma forma de denúncia. Tem um prefeito fazendo trem errado, a gente vai e denuncia e quando “estora”, viraliza muito. Então é informar, denunciar, mostrar nossas culturas (Comunicação pessoal, ativista do MST Zona da Mata, Viçosa, 2019).

A interlocutora da MMM Núcleo Viçosa aponta que o uso do *Facebook* é importante para suscitar um “pensamento de direitos humanos comum”, ao mesmo tempo que buscam uma reação – positiva ou negativa – naqueles que não o possuem. Além disso, a rede social é muito utilizada para dar visibilidade às ações realizadas, e servir como um propulsor para recrutar pessoas para o movimento e para as campanhas empreendidas por ele.

---

<sup>19</sup> No caso de pequenos eventos, como feiras ou atos, publicações em páginas nacionais não atingiriam o público local.

Para a interlocutora do MAB Minas, “o *Facebook* é usado como local de socialização na internet por grande parte da sociedade, inclusive os atingidos e atingidas por barragens” e nesse sentido, o movimento busca “fazer a disputa de narrativa do modelo energético, trazendo a ótica popular e dos movimentos sociais”. A atuação do Quem Luta Educa também é definida nessa perspectiva, pensando as pautas de atuação do movimento:

[...] a gente entende que o Quem Luta Educa tem a tarefa de militância virtual também, a gente tem que estar nas páginas, nas redes sociais, não só fazendo evento e chamando pra ato, mas fazendo o contraponto que somente essa mídia comercial não dá espaço, para o contraponto, para contrainformação (Comunicação pessoal, ativista do Quem Luta Educa - Viçosa, Viçosa, 2019).

Os principais temas levantados, nesse sentido, variam de acordo com as pautas e os acontecimentos que circundam os movimentos sociais. Para a MMM Núcleo Viçosa, os temas mais interessantes para serem tratados dizem respeito à conquista políticas públicas para as mulheres da cidade de Viçosa/MG, a questões relativas ao enfrentamento à violência – que, de acordo com nossas análises, aparecem principalmente quando tratam dos eventos de movimentos sociais. Já O MAB Minas busca “denunciar as violações de direitos aos atingidos e atingidas; e anunciar suas conquistas, valores, modos tradicionais”. Percebemos isso muito claramente a partir do destaque dado pela página após os crimes ambientais ocorridos em MG em 2015 e 2019.

Identificamos à partir das entrevistas com os interlocutores do Quem Luta Educa e da MMM Núcleo Viçosa que as campanhas são sempre realizadas a partir de um alinhamento entre as páginas dos movimentos da cidade. A partir disso, podemos notar uma evidente formação de rede de movimento social para a construção de redes de solidariedade e potencialização das pautas (GOHN, 2014; SCHERER-WARREN, 2005). Nesta rede, o Quem Luta Educa - Viçosa “*deveria*” ser o elo que une as diversas mobilizações em Viçosa. Deveria porque, segundo o próprio interlocutor, a organização ainda não consegue realizar desenvolver essa atuação de forma eficaz.

A gente também desempenha as nossas campanhas virtualmente. Então se a gente quer mobilizar pra algum assunto, a gente mobiliza pelo *Facebook* e fazendo um alinhamento das páginas também. A gente nunca vai lançar, raramente a gente lança uma campanha sozinha. Então a gente vai ter sempre a Frente Feminista<sup>20</sup>, a gente vai ter o Quem Luta Educa, ou a ASPUV<sup>21</sup>. A

---

<sup>20</sup> Rede de movimento composta por coletivos feministas, organizações políticas e ativistas.

<sup>21</sup> Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Viçosa.

gente tenta fazer essa mescla dentro do mundo virtual pra poder aumentar o nosso alcance (Comunicação pessoal, ativista da MMM Núcleo Viçosa, Viçosa, 2019).

A internet é um espaço importante de comunicação e interação de outros movimentos e outros grupos. É como se a gente tivesse uma página que é o Quem Luta Educa pra colher o que nós fazemos nas nossas entidades e publicizar isso, fazer a militância virtual. Mas ao mesmo tempo as nossas páginas também, das nossas entidades, tem uma vida própria né. Então a página do Sind-ute, a página do Levante, a página da Marcha, elas e outras, elas vão tendo vida própria também. Então o Quem Luta Educa deveria ser um polo de potencialização, o que a gente já faz, entendendo que ele atinge um público mais amplo né deveria estar atuando um pouco com isso. Mas como ele ainda tá num nível que a gente acha muito incipiente, a gente ainda precisa turbinar ele pra ser essa ferramenta (Comunicação pessoal, ativista do Quem Luta Educa - Viçosa, Viçosa, 2019).

Em relação ao alcance e engajamento nas páginas (tabelas 1 e 2), percebemos que os movimentos de Viçosa assumem uma posição de descontentamento, enquanto o MAB e o MST relatam estarem satisfeitos com os resultados que costumam obter. Porém, quando temas referentes a campanhas, todos acabam tendo altos níveis de alcance. Sobre os níveis de alcance nas páginas:

Ah, é pouco né. É um alcance de 250 na média diária. Em campanhas a gente já chegou a até 10 mil. Mas assim, é bem pouco né. Duzentos e tanto, assim né. Mas também a gente não tem um movimento na página. A gente não tem uma periodicidade que precisa ter pra manter um alto alcance né. Então isso também é uma falha nossa. A gente não tem uma página tão ativa (Comunicação pessoal, ativista da MMM Núcleo Viçosa, Viçosa, 2019).

Sobre o alcance da página, depende muito do momento, depende muito da postagem. Tem postagem que tem um alcance bom, tem postagem que tem um alcance mais ou menos. Mas da página em si, depende muito da ação, mas hoje nossa página é um alcance de 10 mil pessoas, né. Que ela alcança, né. Na verdade, tudo isso orgânico né, sem tirar um centavo do bolso. Nós temos o alcance de 10 (mil), dependendo do mês de 5 mil, mas assim pra nós tá muito bom, porque a gente tem que querer aos pouco, né (Comunicação pessoal, ativista do MST Zona da Mata, Viçosa, 2019).

Algumas postagens chegam a cerca de 10 mil visualizações ou mais. No entanto, a média é de cerca de 350. Para nós, o alcance é satisfatório visto que nunca fizemos um investimento financeiro no *Facebook* e o trabalho dos responsáveis pela página ainda é pouco profissionalizado. Sabemos que contamos com um público cativo, que nos ajuda a replicar (Comunicação pessoal, ativista do MAB Minas, Viçosa, 2019).

A partir daí, abre-se caminho para pensar as barreiras da rede social e do movimento ao realizar a apropriação da mesma. A dificuldade em envolver os seguidores das páginas reflete nas limitações que o *Facebook* apresenta aos movimentos sociais. Os quatro entrevistados relatam estarem cientes desse processo e que é preciso, constantemente, profissionalizar os ativistas para realizar as postagens de uma maneira mais eficaz, no sentido de alcançar, informar e mobilizar mais pessoas para suas causas.

Nesse sentido, observamos ainda que a organização interna do MS reflete na forma como as redes sociais são administradas, conseqüentemente, os resultados alcançados a partir delas. Isto porque, movimentos que possuem funções bem delimitadas e uma estrutura eficaz, conseguem definir ativistas responsáveis pelo processo comunicativo. O MST Minas, por exemplo, possui uma ampla rede de comunicadores responsáveis por esse setor no movimento social. Este, inclusive, foi o único interlocutor que não apresentou queixas sobre sobrecargas de funções dentro do movimento, o que acarreta em deixar as redes sociais em segundo plano.

Antes não tinha ainda um coletivo do setor de comunicação consolidado, assim, estabelecido que nem hoje. Que nem hoje, tem mais de 100 comunicadores espalhados dos Sem Terra, mas a gente não tinha [...] ah, vai ter uma página no sul de minas? Então vai ter uma pessoa responsável por aquela página. Cê acaba formando grupos de militantes comunicadores naquela região, mas que vai dar conta, tanto de postar uma matéria significativa né, para aquela página, e ela mesma vai criando ideias, porque são novos núcleos de comunicadores né (Comunicação pessoal, ativista do MST Zona da Mata, Viçosa, 2019).

Já os outros interlocutores relatam terem múltiplas funções dentro do movimento, o que impossibilita uma dedicação na administração da rede social, mas que os planos para o coletivo são de promoverem melhorias, para que esta não seja uma fragilidade dentro do MS.

Estamos buscando profissionalizar cada vez mais, realizando formações sobre o assunto. No entanto, como temos poucas pessoas para muitas tarefas, entendemos que o *Facebook* não é prioridade máxima. Assim, seguimos realizando as postagens de forma não muito profissional até que consigamos uma condição melhor (Comunicação pessoal, ativista do MAB Minas, Viçosa, 2019).

Inicialmente a tarefa da página em si, não competia a mim. Mas a entidade, mesmo reunindo tanta gente, tantos sindicatos, tantos movimentos, a gente ainda tem uma dificuldade nos movimentos de modo geral, que é de organizar a nossa estrutura de comunicação. A nossa estrutura de comunicação ainda é amadora mesmo, a gente não tem gente profissional para fazer esse trabalho. O que nós conseguimos fazer de algum modo é criar artes, criar algumas coisas mais elaboradas através da assessoria de comunicação aqui da ASPUV. E aí de alguma forma alimentar a página com artes, eventos e etc. [...] A gente tem tentado avançar nesse ponto, fizemos seminário do Quem Luta Educa aqui esse ano, com a organização no dia 23 de maio. Então a gente tentou no seminário [...] criar uma rede de comunicadores do Quem Luta Educa, mas ainda tamo tendo muita dificuldade de avançar nesse ponto. Então a tarefa da comunicação, nunca fui assim, o primeiro a pegar, mas à medida que você não tem pessoas que vão pegando, a corda vem escorregando e acaba chegando em alguém. [...] e acaba que com nossas muitas atribuições e pouquíssimo tempo, gente tem postado muito menos do que a gente gostaria (Comunicação pessoal, ativista do Quem Luta Educa - Viçosa, Viçosa, 2019).

O que acontece é que a Marcha é dividida na esfera municipal, na estadual e na nacional. E dentro dessas divisões a gente tem o coletivo de comunicadoras. E aí eu era a comunicadora da Marcha de Viçosa, assim como a comunicadora estadual. Porque cada Núcleo manda uma comunicadora pro estadual pra formar o coletivo de comunicadoras estadual. Só que já que eu tenho muitas demandas no município, eu não tava dando conta de fazer esse trabalho virtual, até porque eu não tenho laptop, né. E aí gente começou a pensar na capacitação de outras mulheres para elas serem comunicadoras também. E aí vem outra mulher, que agora inclusive é a comunicadora do Quem Luta Educa (Comunicação pessoal, ativista da MMM Núcleo Viçosa, Viçosa, 2019).

Podemos notar ainda que as atuações no Quem Luta Educa e na MMM Núcleo Viçosa não são bem delimitadas, e as pessoas que realizam a comunicação em uma página, também a realizam na outra. A interlocutora da MMM, antes da entrevista, realizava este papel também no Quem Luta Educa, através dos relatos, notamos que há outra ativista, exercendo o papel de administração da página, nos dois movimentos<sup>22</sup>. O que acontece, por fim, são funções pouco delimitadas dentro dos movimentos, onde os papéis se confundem, diversas pessoas passam a ser responsáveis pela atividade, o que gera um resultado insatisfatório para ambos movimentos.

Por fim, é preciso voltar às questões sobre estrutura e formação organizacional dos movimentos, que têm sido atravessadas pelos aplicativos de mensagens. Identificamos neste trabalho que os movimentos sociais fazem cada vez mais uso dessas ferramentas e que elas têm alterado a configuração desses movimentos, seja reduzindo reuniões presenciais, seja facilitando preparações para manifestações. Nesse sentido, é importante notar como um novo campo de estudos se abre e como é necessário que novas pesquisas apontem para essa direção, principalmente voltando o olhar para movimentos que concentram suas atuações fora dos grandes centros urbanos.

---

<sup>22</sup> Mesmo a Marcha, que também possui um coletivo de comunicadoras, não consegue destinar as pessoas para apenas essa atribuição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparada em estudos sobre ativismo e internet, esta monografia analisou o uso *Facebook* por movimentos sociais de Viçosa/MG e região. Para tal finalidade, analisamos as páginas dos movimentos na rede social e realizamos entrevistas semiestruturadas com os militantes responsáveis pela comunicação desses movimentos.

A partir de três fenômenos, baseados em terminologias das áreas de internet e política, classificamos quais formas de atuação eram substanciais no uso do *Facebook* pelos movimentos. Identificamos, primeiramente, que o maior emprego da rede social se dá no sentido de informar os seus interlocutores, principalmente a partir da construção de narrativas e disseminação de contrainformação. Em seguida, o uso da rede social desempenha um papel de mobilização de pessoas para campanhas, para as causas dos movimentos, circulação de *hashtags*.

A partir das entrevistas e das análises dos casos, verificamos que os MS não utilizam a rede social como forma de construção organizativa. Em seu lugar, usam aplicativos de conversa protegidos por criptografias, com o objetivo de manter a privacidade e segurança dos ativistas dos movimentos ao entenderem que diversas vezes debatem assuntos que não podem “vazar” do MS.

Outra questão que emergiu em nossa análise diz respeito ao modo que as estruturas dos movimentos influenciam diretamente nos usos feitos das redes sociais. Isso porque movimentos sociais que não possuem ativistas com sobrecargas de atividades e delimitam bem suas funções, conseguem definir pessoas específicas para ficarem responsáveis pela rede social, e com isso, desempenhar um papel satisfatório na administração da página, que depende de muito tempo.

Além disso, notamos ainda que a apropriação das redes sociais pelos movimentos possui algumas dicotomias e ambivalências. Os MS estudados realizam uma mobilização contra hegemônica em um aparelho hegemônico (o *Facebook*). Os movimentos se declaram progressistas, realizam críticas ao sistema vigente, lutam por reduções da desigualdade (social, de gênero, salarial) –, tudo isso em uma plataforma privada. Justamente porque seus interlocutores estão nessa rede social e eles também entendem que precisam ocupar esses espaços para alcançar as pessoas aos quais querem estabelecer contato.

Ademais, notamos que é importante que os MS passem a mobilizar os assuntos de outras formas nas redes sociais caso queiram, realmente, atingir um público mais

amplo e gerar visibilidade para as ações políticas, tão importantes, que desempenham na sociedade.

Após os caminhos apontados neste trabalho, entendemos que são necessárias novas pesquisas que busquem compreender de que modo o uso de plataformas digitais impactam as estruturas organizativas dos movimentos sociais, nos mecanismos para coordenação dos movimentos, nas distinções hierárquicas, entre outros elementos. Portanto, vislumbra-se como pesquisa de mestrado, um trabalho que busque explorar este uso das redes sociais nas dinâmicas organizacionais dos movimentos sociais contemporâneos.



## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Livia. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.8, n.23, p.73-97, jun-set. 2015.
- ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais. SILVA, T. STABILE, M. *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. São Paulo: Uva Limão, 2016.
- ARAÚJO, Willian. Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil. Paper apresentado ao *V Simpósio Nacional ABCiber*, UDESC/UFSC, 2011.
- AVRITZER, Leonardo. Sociedade civil e Estado no Brasil: da autonomia à interdependência política. *Opinião Pública*, v. 18, n. 2, p. 383-398, 2012.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Mídiação do ativismo e jornalismo digital: o impacto dos filtros do *Facebook* nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 12, n. 22, jan/jun. 2017, p. 122-133.
- BRASIL, Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social. Relatório Final: Pesquisa Telefônica – Redes Sociais (02/2018). Brasília: Secon, 2018. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/relatorio-final-pesquisa-telefonica-redes-sociais-fev-18/view>. Acesso em: 13 nov. 2019.
- BRINGEL, Breno; TEIXEIRA, Marco Antonio. SCHERER-WARREN, Ilse; LUCHMANN, Lígia. *Movimentos sociais e engajamento político: trajetórias e tendências analíticas*. Florianópolis: Ed. UFSC, p. 43-76, 2015.
- CARTER, Miguel. O movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) e a democracia no Brasil. *Agrária*, n. 4, p. 124-164, 2006.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. RJ: Zahar, 2013, 2ª edição.
- CAVALCANTE, Ricardo et. al. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade Estudos*, João Pessoa, v.24, n. 1, p. 13-18, jan-abr. 2014.
- DELO, Cotton. *Facebook admits organic reach is falling short, urges marketers to buy ads*. *Ad Age*, 5 dez 2013. Disponível em: <<https://adage.com/article/digital/Facebook-admits-organic-reach-brand-posts-dipping/245530>>. Acesso em: 25 nov 2019.

GLOBAL DIGITAL REPORT. Digital 2019: global internet use accelerates, 2019.. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>>. Acesso em: 03 dez. 2019.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. RJ: Vozes, 2010, 2ª edição.

\_\_\_\_\_. *Novas Teorias dos Movimentos Sociais*. SP: Loyola, 2014.

GOMES, Wilson. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. *Revista Fronteiras – Estudos midiáticos*, (3), setembro/dezembro, p. 214-222, 2005.

\_\_\_\_\_. 20 anos de política, Estado e democracia digitais: uma “cartografia” do campo. SILVA, Sivaldo; BRAGATTO, Rachel; SAMPAIO, Rafael. *Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e Prática*. RJ: Folio Digital, Letra e Imagem, p. 39-76, 2016.

MAB. História do Movimentos dos atingidos por barragens, 2019. Página Nossa História. Disponível em: <<https://www.mabnacional.org.br/historia>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova*, SP, n.17, p. 49-66, junho, 1987.

MENDONÇA, Ricardo F. Comunicação e sociedade civil: interfaces e agendas. *Compólitica*, 1(1), p. 7-44, 2011.

MENDONÇA, Ricardo F. Singularidade e identidade nas manifestações de 2013. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 66, p.130-159, abril 2017.

MMM. Mulheres em Marcha. Página A Marcha, nossa história. Disponível em: <<https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/a-marcha/nossa-historia/>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

MST. Quem somos, 2019. Página quem somos. Disponível em: <<https://mst.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

PEREIRA, Marcus Abilio. Movimentos sociais e democracia: a tensão necessária. *Opinião Pública*, v. 18, n. 1, p. 68-87, 2012.

PIMENTA, Francisco J. Paoliello; RIVELLO, Ana Paula Avellar. Zapatismo e Ciberativismo: a busca de uma conexão perdida. In: *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2008.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo>>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

SAMPAIO, Rafael; BRAGATTO, Rachel; NICOLÁS, Maria. A construção do campo de Internet & Política: análise dos artigos brasileiros apresentados entre 2000 e 2014.

SILVA, Sivaldo; BRAGATTO, Rachel; SAMPAIO, Rafael. *Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e Prática*. RJ: Folio Digital, Letra e Imagem, p. 77-110, 2016.

SARMENTO, Rayza; VIANA, Lara. A pesquisa brasileira sobre ativismo político online: mapeamento de publicações em periódicos das áreas de Ciência Política e Comunicação (2000 a 2017). In: *Anais do VIII Congresso Compólitica*, 8, 2019, Brasília, DF, 2019.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos Sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2ª edição, 1987.

\_\_\_\_\_. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, , p. 109-130, jan/abr, 2006.

\_\_\_\_\_. *Redes de movimentos sociais*. SP: Loyola, 2005 [1993], 3ª edição.

\_\_\_\_\_. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. Caderno CRH, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, maio/ago. 2014.

SEBASTIÃO, Sônia; ELIAS, Ana Catarina. O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v.15, n.1, p.61-70, jan-jun 2012.

SILVA, Sivaldo, SAMPAIO, Rafael, BRAGATTO, Rachel. Concepções, debates e desafios da democracia digital. SILVA, Sivaldo; BRAGATTO, Rachel; SAMPAIO, Rafael. *Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e Prática*. RJ: Folio Digital, Letra e Imagem, p. 17-38, 2016.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Las protestas en Brasil en época de crisis (2011-2016). *Opinião Pública*, v. 25, n. 1, p. 63-96, 2019.

VAN LAER, Jeroen; VAN AELST, Peter. Internet and social movement action repertoires: Opportunities and limitations. *Information, Communication & Society*, v. 13, n. 8, p. 1146-1171, 2010.

VINUTO, Juliana. A amostagem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. *Revista Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago-dez. 2014.

## APÊNDICES

### Quadro 4: Roteiro da entrevista semiestruturada

1) Me fale um pouco sobre você: a) quando entrou para o movimento? b) você que criou a página do movimento no <i>Facebook</i> ?
2) Há quanto tempo você administra a página no <i>Facebook</i> e como você ficou responsável por essa função? Apenas você tem o acesso da página ou outras pessoas também administram?
3) Qual a importância do uso da internet para o movimento?
4) Quais são os objetivos do movimento ao utilizar a página no <i>Facebook</i> ?
5) Como funciona o processo de moderação da página no <i>Facebook</i> ? Vocês possuem algum cronograma de postagem ou só postam por demanda?
6) Quais tipos de conteúdos vocês buscam postar? Existe algum conteúdo específico que vocês gostam de tratar?
7) Você estabelece algum contato com outras pessoas do movimento para realizar as postagens?
8) Quais pessoas vocês tentam alcançar com os conteúdos postados?
9) Vocês conhecem o alcance da página? Quantas pessoas recebem e acompanham seus conteúdos? É um alcance satisfatório para o movimento?
10) Sobre o engajamento na página, as pessoas que curtem, comentam e compartilham as postagens são pessoas apenas do movimento ou pessoas de fora do movimento? Vocês conseguem fazer esse mapeamento?
11) Sabe identificar se o movimento estabelece contato com outros movimentos sociais pelo <i>Facebook</i> ?
12) Quais limitações você percebe no uso do <i>Facebook</i> ?

Fonte: Elaboração própria.

**Figura 6: Termo de consentimento MST Zona da Mata – MG**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esta pesquisa sobre *Ativismo e internet* está sendo desenvolvida pela estudante Lara Andrade Silva Viana, do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, sob a orientação da Professora Rayza Sarmiento.

O objetivo do estudo é entender como os movimentos sociais de Viçosa e região têm utilizado a internet, especificamente a rede social *Facebook*.


Solicitamos a sua colaboração para a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos nas áreas de ciências sociais e humanas. Em caso de publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela entrevistadora. Além disso, pode abandonar a sua participação a qualquer momento.

A estudante estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

  
Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

  
Assinatura da Pesquisadora

Viçosa, 10 de junho de 2019

Fonte: Elaboração própria.

**Figura 7: Termo de consentimento MMM Núcleo Viçosa**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esta pesquisa sobre *Ativismo e internet* está sendo desenvolvida pela estudante Lara Andrade Silva Viana, do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, sob a orientação da Professora Rayza Sarmiento.

O objetivo do estudo é entender como os movimentos sociais de Viçosa e região têm utilizado a internet, especificamente a rede social *Facebook*.


Solicitamos a sua colaboração para a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos nas áreas de ciências sociais e humanas. Em caso de publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

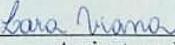
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela entrevistadora. Além disso, pode abandonar a sua participação a qualquer momento.

A estudante estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

  
Assinatura da Participante da Pesquisa

  
Assinatura da Pesquisadora

Viçosa, 07 de junho de 2019

Fonte: Elaboração própria.

**Figura 8: Termo de consentimento Quem Luta Educa – Viçosa**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esta pesquisa sobre *Ativismo e internet* está sendo desenvolvida pela estudante Lara Andrade Silva Viana, do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, sob a orientação da Professora Rayza Sarmento.

O objetivo do estudo é entender como os movimentos sociais de Viçosa e região têm utilizado a internet, especificamente a rede social *Facebook*.

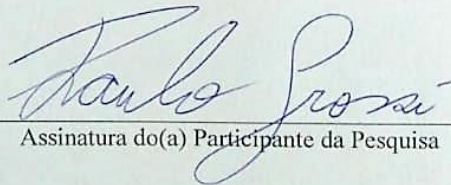
Solicitamos a sua colaboração para a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos nas áreas de ciências sociais e humanas. Em caso de publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

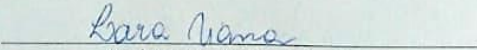
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela entrevistadora. Além disso, pode abandonar a sua participação a qualquer momento.

A estudante estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

  
Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

  
Assinatura da Pesquisadora

Viçosa, 03 de julho de 2019

Fonte: Elaboração própria.